

NEOPENTECOSTALISMO E IMPLICAÇÕES NO DISCURSO ESCATOLÓGICO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS¹

*Ismael de Vasconcelos Ferreira**

Resumo

Esta comunicação busca apresentar, ainda que de forma resumida, os resultados de uma pesquisa de mestrado onde foi estudada uma dinâmica de identificação do pentecostalismo clássico com o mundo secular, tomando como base um evento promovido pelas Assembleias de Deus (ADs). Trata-se do Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora (GMUH), evento anual realizado em Camboriú-SC e que, a partir de sua temática, traz uma perspectiva de afirmação dos credos defendidos pela denominação. Contudo, o que se observou é que, neste evento, as concepções escatológicas que outrora norteavam os fiéis pentecostais assembleianos agora são substituídas por um discurso onde o pragmatismo, o imediatismo e o antropocentrismo norteiam não só o ritual do culto, mas principalmente os mitos responsáveis pela formação e identificação desses fiéis enquanto pentecostais, conforme a teologia que lhes norteia de forma teórica. O fato é que tais mudanças se assemelham às convicções emanadas de um outro movimento, surgido do pentecostalismo mas que cada vez mais tende a sobrepor este, que é o neopentecostalismo. Esta pesquisa tratou de contribuir com outras formas de compreensão deste movimento, tomando como base exatamente as implicações que existem entre ele e o discurso escatológico pentecostal mantido pelas ADs. Os resultados alcançados com este estudo permitiram concluir que a referida denominação vem passando por um processo de neopentecostalização na medida em que põe de lado convicções que outrora lhe norteavam, assumindo uma característica mais secularizada que contraria essas convicções. Os fiéis pentecostais, conforme a análise feita a partir do evento estudado, vivem mais de acordo com os norteamentos seculares e imanentes, algo que inevitavelmente irá implicar de forma enfática na esfera social em que está situada, acarretando as interpelações que os estudos sobre o campo religioso brasileiro vem apontando com respeito aos pentecostais.

806

Palavras-chave: Assembleias de Deus. Escatologia. Pentecostalismo. Neopentecostalismo.

Introdução

A prevalência de concepções nitidamente neopentecostais acabou por influenciar o pentecostalismo clássico, aqui representado pelas Assembleias de Deus em seu congresso dos GMUH, alterando suas concepções iniciais de escatologia e de identificação com o mundo. Essas alterações podem ser vistas na forma como os pentecostais atualmente encaram o presente e o futuro, relacionam-se com o mundo secularizado e reinterpretam conceitos já cristalizados de sua teologia.

O resultado dessas alterações proporcionou ao pentecostalismo clássico o estabelecimento de novas concepções que, em comparação com as anteriores, emanadas de sua

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR-UFJF). Membro do Núcleo de Estudos de Protestantismos e Teologias (NEPROTES). Bolsista Capes. E-mail: ismaelvasconcelos@yahoo.com.br

teologia, representam um processo de neopentecostalização, característico de um movimento cada vez mais secularizado, baseado na oralidade e isento de uma sistematização teológica, fruto de sua heterogeneidade. É o que se propõe demonstrar nesta comunicação, onde se observará: que a escatologia pentecostal, outrora bem mais afeita ao pré-milenarismo, assume características semelhantes ao pós-milenarismo, contudo transcendendo-o; que a promoção do evangelho, atributo mantido durante anos pelo tradicional proselitismo das Assembleias de Deus, vem sendo substituída pela promoção dos evangélicos; e que a manutenção da doutrina da salvação teve que ser ressignificada para se manter plausível, ainda que sua plausibilidade tenha como argumento temas outrora desprezados pela teologia do pentecostalismo clássico por serem considerados de caráter profano e secular.

Para fins de comparação acerca do fenômeno em estudo, foi tomado como referência o evento já mencionado, GMUH, no ano de 2012. Este evento foi escolhido por ser uma das maiores concentrações pentecostais no país e ter como marca definidora uma preocupação intrínseca acerca da teologia do pentecostalismo clássico das ADs, notadamente a escatologia, algo que pode-se perceber pelo seu nome: “última hora”. Outrossim, o evento tem como ponto crucial a pregação, algo que no pentecostalismo é muito significativo, já que esta atua diretamente na formação da visão de mundo dos pentecostais.

807

1. Escatologia pré e pós-milenarista

A teologia do pentecostalismo clássico estaria de acordo com uma escatologia pré-milenarista, ou seja, aquela que crê em uma “irrupção do sobrenatural na história para a consumação dos negócios humanos” (MENDONÇA, 1995, p. 69). Nela, não haveria espaço para que os pentecostais vivessem de forma despreocupada, haja vista a parusia ser aguardada de maneira iminente. Isso, obviamente, implicou em uma valorização do tempo futuro, em um ascetismo e sectarismo e no prazer do sofrimento, crendo que todas as intempéries e adversidades passariam com o retorno de Jesus Cristo, restando ao mundo os sete anos da grande tribulação e a paz do milênio.

Já a escatologia pós-milenarista estaria mais de acordo com a teologia do protestantismo histórico (ROCHA, 2009). Para este, “a vinda do Reino se daria após a implantação da civilização cristã; por isso, a cristianização da sociedade seria uma preparação para a vinda do Reino de Deus” (MENDONÇA, 1995, p. 60). Aqui já é possível observar uma preocupação com a “cristianização da sociedade” onde, a partir do implemento de convicções cristãs consideradas necessárias ao estabelecimento de uma moral social, seria possível transformar uma sociedade já

eivada de convicções consideradas prejudiciais em um tipo ideal onde reinaria a harmonia em todos os aspectos possíveis da vida humana.

Quando o pentecostalismo começa a dar sinais de uma possível mudança de ênfase escatológica, passando a valorizar aspectos outrora ignorados, como a preocupação com o estabelecimento de uma sociedade mais cristã e a criação de laços fraternos com ideias e propostas secularmente progressistas, pode-se inferir que ele está vivendo um outro período, desta feita marcado por convicções características do pós-milenarismo. Contudo, dadas as características identificadoras deste, o pentecostalismo continua divergindo da ideia central emanada do pós-milenarismo.

O atual pentecostalismo tende a abreviar a expectativa escatológica de um reino de Deus futuro (pré-milenarismo) para uma escatologia realizada, onde as promessas do além são concretizadas no aquém, aqui e agora (SIEPIERSKI, 1997; SCHULTZ, 2008). A diferença que se constata das convicções pentecostais e pós-milenaristas é que, enquanto neste busca-se o estabelecimento do reino de Deus na terra, caracterizando um aspecto mais amplo e global das bênçãos divinas, de fato preparando o mundo para o advento de Jesus Cristo, o pentecostalismo ainda mantém acesa sua esperança pela parusia (é o que seus escritos e algumas pregações ainda expressam), mesmo que indiretamente, mas busca usufruir de maneira imediata as bênçãos provenientes desse reino de Deus, desta feita em um aspecto pessoal e restrito somente àqueles que participam de suas denominações. O desprezo pelo mundo continua. Porém, tende a ser relativizado se proporcionar prazer, realização e reconhecimento para os pentecostais.

O “esfriamento” da expectativa pela parusia também tem contribuído para essa mudança de ênfase escatológica no pentecostalismo. Por tardar o cumprimento da promessa de que Jesus Cristo “brevemente” viria, os pentecostais tiveram que se adequar ao *modus vivendi* do mundo secularizado, aderindo a um “espírito capitalista” e consumista, marcado, sobretudo pela ostentação e conseqüente valorização do que antes era desprezado. Novamente, apesar da identificação com o mundo e conseqüente contribuição para o seu desenvolvimento, não era interesse dos pentecostais simplesmente melhorar a vida na terra, no aspecto coletivo, mas sim, individualmente, “se dar bem” nela enquanto pudessem. É com esse mote que os pentecostais pautam sua vivência atualmente. E isto foi observado em praticamente todas as pregações proferidas no congresso dos GMUH de 2012, que constituiu o recorte desta pesquisa.

Sendo assim, a constatação de que os pentecostais estão mudando pode ser vista não só pelo abandono do pré-milenarismo que constituía a essência do pentecostalismo clássico (SIEPIERSKI, 2004). Por deixarem de lado essas convicções que eram mui caras à manutenção de um ideal ascético e sectário, outras também tiveram que ser relativizadas ou mesmo totalmente

suprimidas. A programação dos cultos, facilitada pelas instruções recebidas nas pregações, passou a enfatizar a guerra espiritual entre o homem e o diabo, valorizou a aquisição e o usufruto de bens tendo em vista a busca de um *status* mais secularizado e contrário ao ideal de satisfação no sofrimento e padecimento diante das adversidades, suavizando, por fim, os notórios estereótipos de santidade outrora identificadores do público pentecostal, tornando-os mais “parecidos” com o mundo.

Portanto, sendo o pós-milenarismo uma forma de se fazer uma leitura da dinâmica em que vive o pentecostalismo atual (originariamente pré-milenarista), ele por si só não abarca todas as transformações observadas no pentecostalismo. A justificativa para isso está, como já referido anteriormente, em sua definição. Enquanto o pós-milenarismo defende um ajustamento do mundo, procurando melhorá-lo cada vez mais, os pentecostais buscam melhorias para si próprios. Deste modo, haveria sim uma identificação do pentecostalismo com o pós-milenarismo, mas aquele ultrapassaria este, exatamente por compreender, além das particularidades do pós-milenarismo, convicções notoriamente neopentecostais.

Desta feita, pode-se afirmar que o pentecostalismo atual, representado pelas Assembleias de Deus e, neste trabalho, pontuado pelo congresso dos GMUH, seria teologicamente pós-milenarista e sociologicamente neopentecostal. Suas convicções pré-milenaristas estariam sendo gradativamente deixadas de lado, abrindo caminho para uma nova e promissora incursão no campo religioso brasileiro, como a que atualmente pode ser vista com o incremento cada vez maior de denominações consideradas neopentecostais.

2. Promoção do evangelho *versus* promoção dos evangélicos

Esta ideia, tomada por empréstimo do sociólogo Paul Freston, simplifica a caminhada que os pentecostais vêm atualmente trilhando (FREESTON, 1994 *apud* ROMEIRO, 1999). Na busca de reconhecimento pelo mundo, os pentecostais já não se conformam em ser apenas “cidadãos dos céus”, algo que contribuiu para sua omissão em questões políticas e sociais durante muitos anos. Agora eles também requerem uma cidadania terrena, mas que se coadune com a celestial, ao menos indiretamente (ARAÚJO, 2010). “São fiéis que desejam ser empresários, donos do próprio negócio, se tornar patrões. Eles querem ser cabeça e não cauda, estar por cima e não por baixo” (PROENÇA, 2010, p. 377).

Ainda que o zelo proselitista das denominações pentecostais, notadamente das Assembleias de Deus, permaneça, é possível constatar que, a partir das convicções emanadas em suas pregações, esse proselitismo atualmente visa pura e simplesmente o aumento da frequência nos cultos (ou reuniões), a fim de demonstrar um possível sucesso na empreitada evangélica. No

congresso dos GMUH, por exemplo, a relevância do possível número de participantes bem como da grandiosidade do evento às vezes se sobressai em muito ao propósito realmente planejado para o evento. Outrossim, a apresentação dos cantores e principalmente dos pregadores denota uma dinâmica de *marketing* muito valorizada, sendo inclusive incentivada pela organização do evento, que considera seu púlpito uma “vitrine” para exibição e promoção dos seus cantores e pregadores.

Já do lado da multidão que assiste o evento, existem os apelos feitos pelos pregadores e cantores para que aqueles que ali estão tomem uma atitude de mudança em suas vidas, buscando melhorias para si e assumindo desafios que, de acordo com os pregadores, elevarão seu *status* a um nível bem acima do esperado, haja vista terem ao seu lado todo o apoio e a vontade divina para abençoá-los.

Uma pregação que gire em torno de uma convicção que valoriza o sacrifício, a perda ou o sofrimento de um modo geral, algo que lembra a teologia do pentecostalismo clássico, não lograria êxito entre os ouvintes. Aquelas pregações visavam a preparação do fiel para o usufruto das bênçãos celestiais nos lugares celestiais e em um fim muito próximo. A denominação preparava este fiel para morrer ou para não ser surpreendido ante o iminente retorno de Jesus Cristo. Daí justificar-se o ascetismo intramundano observado nos primeiros pentecostais. Obviamente, tais discursos não elevavam a autoestima dos fiéis, passando bem longe da valorização ou promoção desses. O que se objetivava, de fato, era “a promoção do evangelho”, em detrimento de uma situação de conforto e prazer dos fiéis.

Mas, com os novos discursos implementados nas denominações pentecostais, a ênfase gira em torno da bênção aqui e agora, do prazer sem sofrimento, da elevação não só espiritual, mas principalmente material em detrimento daquela esperança emanada do pentecostalismo clássico. Há, agora, “a promoção dos evangélicos” que pode ser descrita nas seguintes palavras de um entrevistado de Ricardo Mariano, que era um cristão e que já foi mandatário de um cargo eletivo:

Na minha infância os pastores nos preparavam para morrer. Diziam: “E se Jesus voltar amanhã”? Agora, a igreja está nos preparando para viver. Está preparando pessoas compromissadas com Deus, independentemente se Ele virá amanhã ou não. Muitos irmãos antigos diziam que o crente não devia ser advogado, empresário, atleta, estudar muito. Não devia entrar na vida pública – porque os políticos são todos ladrões. Hoje não é mais assim. Ser crente não é ser escravo. Pelo contrário, ser crente é ser liberto dos maus costumes, da imoralidade e da falta de ética. Jesus veio para salvar os ricos também e não apenas os pobres. Deus contempla a todos. Nós podemos ser filhos de Deus e exercer qualquer profissão, em qualquer lugar (...) *Os evangélicos estão preparados para assumir qualquer cargo neste país, de vereador de uma pequena cidade a presidente da República?*. (MARIANO, 2010, p. 150 – o *italico* é nosso)

Este excerto demonstra que a busca pelo sucesso dos evangélicos não se concentra somente dentro dos templos ou entre seus círculos de convivência. Existe também uma preocupação em se estabelecer uma participação política mais efetiva entre os evangélicos. Algo que manifeste os reais desejos dessa população que, dentre outras demandas, requer que o país expresse (ou “declare”, para utilizar um termo considerado neopentecostal) a plenos pulmões que “o Brasil é do senhor Jesus”.

Durante o congresso dos GMUH de 2012, em uma pregação proferida pelo Pastor Marco Feliciano, que também é deputado federal, uma fala deste pregador pode ser característica desse ideal de promoção dos evangélicos e corrobora com a fala citada anteriormente:

Vai acontecer um reboiço nessa nação brasileira, vai acontecer um reboiço nessa terra! Vamos viver para ver o dia em que os crentes vão vir para o culto e quem sabe, nos Gideões em alguns anos, os crentes com radinho de pilha ligado, só pra ouvir A Voz do Brasil, que hoje ninguém escuta porque tem raiva da política. Mas vai chegar o dia em que o povo vai ter orgulho. Vamos ouvir um jornalista falar: “Com a palavra Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil”. E o Presidente do Brasil vai começar o discurso dele dizendo: “Eu cumprimento os compatriotas brasileiros com a paz do Senhor!” Só quem crê nisso recebe, recebe, recebe... (FELICIANO, 2012)

Agindo dessa forma, os pentecostais se enveredam por caminhos outrora considerados profanos (a política partidária era assim considerada) com a justificativa de que estão tentando sacralizá-los. Outra argumentação é que poderia ser considerado um desperdício a oportunidade que se tem, enquanto eleitor, eleger candidatos que não expressassem os reais desejos dos evangélicos.

Em um artigo que analisou a valorização do tempo presente pelo pentecostalismo assembleiano brasileiro, Arão Araújo transcreveu um trecho de um texto publicado em um periódico das Assembleias de Deus onde o articulista respondia à questão “Pode o crente ser político?”, conforme se vê a seguir:

No artigo publicado por Geremias do Couto (...) [ele] destacou a importância da eleição de candidatos comprometidos com os interesses da igreja, incentivando os fiéis a votarem em candidatos “crentes”. (...) “Ao invés de darmos nossos votos a candidatos comprometidos com outras causas, *é muito mais justo e correto* cerrarmos fileiras, em cada Estado, com aqueles que terão condições de representar os evangélicos no Parlamento”. (ARAÚJO, 2010, p. 188, 189 – o *italico* é nosso)

Observe que, a partir do trecho destacado nesta citação, o autor do texto busca legitimar a participação dos evangélicos na política justificando a necessidade de haverem candidatos comprometidos com as demandas dos próprios evangélicos, haja vista isso ser “muito mais justo e correto”, denotando um possível prejuízo ao se elegerem candidatos que não se constituíssem legítimos representantes desses eleitores, especificamente.

À semelhança dos neopentecostais, agora os pentecostais também “querem ter vez e voz ativas, [ansiando] por respeitabilidade social, poder político e econômico” (MARIANO, 2010, p. 232). Tais discursos eram comumente vistos em denominações reconhecidamente neopentecostais, como a IURD. Agora, podem ser vistos, e em maior frequência durante as campanhas eleitorais, em diversas denominações das Assembleias de Deus, onde a questão política era tratada de forma muito velada pelos pastores que preferiam orientar seus fiéis a manterem-se favoráveis aos governantes já instituídos no poder.

Mais recentemente, o pastor e deputado federal Marco Feliciano, já mencionado neste trabalho, assumiu a presidência de uma comissão na Câmara dos Deputados e foi responsável, pelo que os pentecostais consideraram, por uma das maiores vitórias dos evangélicos no âmbito da política. Sua escolha gerou uma série de manifestações promovidas por entidades representativas de movimentos homossexuais e evangélicos, respectivamente contra e a favor do deputado. Contudo, apesar de todas as manifestações contrárias, o referido pastor e deputado concluiu seu exercício no final de 2013 celebrando, juntamente com sua representatividade, todos os seus feitos que, dentre outros, privilegiaram assuntos que compunham a pauta da bancada evangélica da Câmara dos Deputados, principalmente a moralização da sociedade através do veto a projetos que privilegiassem os homossexuais (ESTADÃO, 2013).

Em linhas gerais, os pentecostais têm procurado novas frentes de ação no mundo. Por vezes, eles reeditam algumas convicções já consagradas do pentecostalismo clássico a fim de responderem mais efetivamente às demandas que a sociedade secularizada lhes propõe. Assim, diante da necessidade de combater o mundo, com suas mazelas e investidas “diabólicas”, os pentecostais agora não mais fogem ou se afastam, característica do ascetismo de outrora. Eles pautam sua atuação, à semelhança dos neopentecostais, “pelo enfrentamento, pelo desbravamento e conquista de áreas por eles ainda não alcançadas, pela participação direta nas esferas que pretendem cristianizar, pela ousadia missionária e pela intrepidez evangelística” (MARIANO, 2010, p. 228).

Por fim, com esse ideal de promoção própria, os pentecostais tendem a abandonar a velha ética de desvalorização do mundo, característica de uma escatologia pré-milenarista e apocalíptica, tomando-a uma escatologia mais voltada para o presente, para o agora. Com isso, o usufruto de riquezas e o gozo de saúde e de prosperidade passaram a ser o objeto de desejo dos pentecostais que, antecipando as virtudes do paraíso, desejam viver regaladamente o presente, relegando o futuro.

3. Resignificação da doutrina da salvação

Passando por todas essas transformações, era de esperar que o pentecostalismo das Assembleias de Deus, expresso no caso analisado neste trabalho, resignificasse uma série de convicções já amplamente difundidas e cristalizadas em sua teologia. Com essa nova roupagem do pentecostalismo, não haveria mais sentido em sustentar algumas dessas convicções, haja vista mostrarem-se contrárias ao que agora estava posto. Deve-se ressaltar que, apesar dessas resignificações, as verdadeiras mudanças acontecem somente no discurso oral, promovedor da atualização dos mitos. Sendo assim, os mitos originais permanecem, entretanto, inalterados, haja vista já estarem registrados e documentados.

Dentre as convicções já discutidas nesta pesquisa, destaca-se neste último item a salvação, importante fator do pentecostalismo clássico, bem como de todo o protestantismo e cristianismo. Em geral, a salvação era vista como uma dádiva graciosa e divinamente entregue ao ser humano, devendo ser mantida através de rígidos preceitos que eram representados por uma vida de desvalorização do mundo secular, pela vivência de uma ética de santificação e pela exaltação do sofrimento.

Não é que nesta nova fase do pentecostalismo esses aspectos da salvação tenham sido deixados completamente de lado e os pentecostais agora vivam de maneira desregrada. Tais preceitos ainda continuam plausíveis e são até mesmo objeto de análise em algumas pregações. Contudo, reafirmando o que foi dito no início deste item, dadas as transformações ocorridas no pentecostalismo clássico, foi necessário resignificar esses aspectos da salvação, tornando-os menos exigentes e mais abertos a interpretações e práticas diversas.

Tendo agora uma expressão pentecostal que valoriza o presente, que dá valor ao mundo hodierno, que materializa virtudes e bênçãos transcendentais e que promove socialmente o fiel (evangélico), não faria sentido manter um discurso que negava diretamente todas essas características.

Conhecido como incentivador de uma vida de privações e provações, ostentando um discurso “retrógrado” e “ultrapassado”, o pentecostalismo, a partir do momento em que vive uma neopentecostalização, relega para o passado a velha mensagem da cruz, discurso que marcava a vivência de todos aqueles que se decidiam por um estilo de vida simples, baseado exclusivamente na satisfação da vontade divina e que esperavam pela breve redenção proveniente dos céus (MARIANO, 2010).

Identificados que eram por seus trajes modestos e recatados, frutos de uma ascese intramundana e de desvalorização de aspectos puramente seculares (ou profanos), na medida em que os pentecostais foram redescobindo o mundo através das prédicas que passaram a valorizar

o que antes era proibido, deixaram paulatinamente o modo simples e modesto pelos quais eram reconhecidos, agora almejando as melhores vestimentas, os melhores acessórios e as últimas tendências.

Esta modificação não representa somente a perda da identidade visual dos pentecostais, haja vista poderem ser identificados de longe devido aos trajes que utilizavam. Ela representa também o cuidado que eles passaram a ter agora com o corpo em muitos aspectos (SOUZA, 2004).

Sendo o corpo “a morada do Espírito Santo”, de acordo com os preceitos tradicionais, era preciso mantê-lo preservado de qualquer aparência do mundo, sob o risco de cáirem em pecado, maculando assim a santificação e conseqüentemente prejudicando a salvação. Da mesma forma, sendo o corpo apenas o receptáculo da vida humana, que é efêmera e incompleta, estaria sujeito aos mais diversos males e enfermidades. Diante de uma dessas circunstâncias, deveria o fiel apenas confiar em Deus e esperar por sua soberana e graciosa vontade, não lançando mão da ansiedade de buscar, sozinho, a solução para os problemas que lhe advieram. Afinal, ainda mais um pouco de tempo e todas as efemeridades e incompletudes que cercavam o corpo haveriam de ser vencidas, tendo em vista que a parusia estaria mais próxima do que nunca.

Objetivava-se com estas convicções uma preparação para viver eternamente nos céus, lugar de pureza e de virtudes incomensuráveis. Para tanto, seria necessário primeiro viver esta expressão de santidade “neste” mundo, a fim de demonstrar ser possível ter uma vida minimamente incorruptível nele.

Com a implementação do neopentecostalismo, e este influenciando diretamente o pentecostalismo clássico, assim neopentecostalizando-o, houve algumas mudanças consideráveis neste ideal. As concepções que norteavam o viver “neste” mundo foram substituídas por um “para este” mundo. A partir de então, já não fazia mais sentido manter um discurso de indiferença e de desvalorização do mundo. Deveria, sim, haver uma aproximação a ele a fim de usufruí-lo intensamente.

A partir da análise das pregações proferidas no congresso dos GMUH de 2012, foi possível constatar essas mudanças de ênfase na fala de cada um dos pregadores. Tem-se como exemplo ilustrativo o fato de que, dentre os 47 pregadores convidados, apenas um procedeu com aquilo que nas igrejas pentecostais chamam de “apelo”² ao final da pregação (GMUH, 2012). Outrossim, nas pregações analisadas, somente duas ressaltaram aspectos concernentes à doutrina da salvação, nos termos da teologia utilizada pelas Assembleias de Deus. As demais, conforme a hipótese levantada por este trabalho, abordaram temas mais afeitos às concepções neopentecostais, ainda que ressaltassem aspectos do pentecostalismo clássico, como a glossolalia.

Com essas novas concepções, que implicam diretamente em mudanças funcionais na escatologia que é teologicamente defendida pelas Assembleias de Deus, os GMUH surgem como uma das expressões mais significativas de colaboração na ressignificação de conceitos e práticas já há muito defendidas pelo pentecostalismo clássico, notadamente a salvação. Seus discursos de afirmação do tempo presente, de valorização do materialismo e rejeição ao sofrimento fazem com que, de fato, a compreensão da doutrina da salvação seja praticamente revisitada e assim adaptada, ou mesmo ressignificada, haja vista ela ainda estar totalmente de acordo com a salvação do homem “do” mundo e não “para” o mundo.

Portanto, tendo em vista que o neopentecostalismo prepara o homem para viver intensamente neste mundo, usufruindo de tudo o que acredita ser seu, por direito, fica implícito seu desinteresse por concepções que valorizavam uma vida no além, conquistada, conforme a sistematização teológica das Assembleias de Deus, a partir da experiência da salvação, proporcionada exclusivamente pela fé em Jesus Cristo. Com essa ressignificação, a garantia da salvação passa a ser aferida de acordo com o relacionamento que o fiel mantém com o mundo, ou seja, ser “salvo” implicaria na busca pelo prazer, não mais no sofrimento, conforme o pentecostalismo clássico, mas exatamente o contrário, no máximo usufruto de todas as riquezas e prazeres possíveis ao homem.

Finalmente, a ressignificação da salvação no neopentecostalismo tornou possível encontrar a felicidade aqui e agora. E se não encontrá-la, pode-se “profetizar” sua chegada ou mesmo “determinar” a posse dela imediatamente. São termos muito utilizados nas pregações ministradas no congresso dos GMUH e que podem ilustrar o modo como a salvação atualmente pode ser vista pelos atuais pentecostais.

Conclusão

A partir da observação e análise feita nos discursos proferidos durante o congresso dos GMUH, tem havido uma mudança de ênfase na forma como os pentecostais encaram o mundo. Se outrora se constituíam “inimigos” dele, agora encontram afinidades que proporcionam uma “amizade” antes impossível de acontecer. Isto caracterizaria a mudança, notadamente na ênfase escatológica que norteava os fiéis durante o pentecostalismo clássico.

Com seus discursos de afirmação do tempo presente, relativização da “última hora” e de rejeição à valorização do sofrimento, esses pentecostais parecem estar mais afeitos a concepções seculares do que propriamente escatológicas. Se antes eles olhavam apenas “para cima” local de onde esperavam sua redenção, hoje contemplam o horizonte em busca de uma melhor condição de vida “neste mundo”. Ressalte-se que suas primeiras convicções ainda são mantidas, mas sem

tanta ênfase como antes, permitindo constatar que elas estejam até mesmo sendo preteridas por um discurso mais pragmático, imediatista e antropocêntrico.

A dinâmica dessas mudanças assemelha-se a outro movimento que surgiu a partir do pentecostalismo, mas que atualmente vem ganhando proporções consideráveis, mantendo alguns traços pentecostais, fazendo assim jus à sua genealogia, mas prescindindo da teologia que caracterizava o pentecostalismo clássico. Esse movimento ficou conhecido como “neopentecostalismo” e é hoje o responsável pelas principais mudanças funcionais que vem ocorrendo dentro dos celeiros pentecostais.

Embasado, sobretudo pela teologia da prosperidade, o neopentecostalismo trouxe interpelações ao pentecostalismo clássico, gerando conflitos que ocasionaram a perda da plausibilidade de tradições outrora constituintes da identidade pentecostal. A descoberta do mundo pelos pentecostais acarretou em um possível adiamento da parusia, que era esperada para o próximo segundo, por exemplo, podendo até mesmo considerá-la inexistente.

Esta mudança poderia caracterizar uma transição da escatologia pré-milenarista para a pós-milenarista. No entanto, a forma como ela se dá transcende as concepções defendidas por esta última escatologia. Isto porque não se crê no melhoramento do mundo a partir da promoção do evangelho, mas sim, crê-se no melhoramento do mundo para os evangélicos. Daí surgirem as incursões dos pentecostais na política, por exemplo, na tentativa de sacralizar a sociedade, ferindo concepções já bastante consolidadas da teologia pentecostal que não admitia a mistura do sagrado com o profano.

Isto obviamente também trouxe implicações à forma como os pentecostais entendiam a doutrina da salvação. Se antes se pregava a salvação “deste” mundo, agora se prega a salvação “para este” mundo, ressignificando assim o que se entendia por salvação. Naturalmente, agora este seria o caminho a ser seguido pelos pentecostais tendo em vista a mudança de ênfase da escatologia futura para a escatologia realizada.

Esta análise visa contribuir para a compreensão do pentecostalismo e sua constante incursão e interpelação na sociedade secular, haja vista não se tratar de um fenômeno simplesmente social, mas antes mesmo, é fruto das dinâmicas que regem o *homo religiosus* pentecostal. Assim, para compreender o significativo interesse dos evangélicos, e estes pentecostais, pela política partidária, por exemplo, torna-se necessário conhecer antes as mudanças que este pentecostalismo vem apresentando em sua religiosidade, tendo em vista que elas ocorrem primeiro no âmbito religioso para que, em seguida, interpelem a sociedade secular.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. Sob o domínio do presente: a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleiano brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes** – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 163-209.

ESTADÃO. **Marco Feliciano na Comissão de Direitos Humanos**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/marco-feliciano-na-comissao-de-direitos-humanos,221033.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

FELICIANO, Marco. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YXWTL0mN8CI>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **Neopentecostalização do pentecostalismo clássico: Mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

GMUH. Gideões Missionários da Última Hora. **História**. Camboriú, set. 2012. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/gmuh/historia.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1995.

PROENÇA, Wander de Lara. Da ascese aos bens do mundo ao anseio por um mundo de bens: representações da pobreza e da riqueza nas práticas do pentecostalismo brasileiro. In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes** – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 357-401.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o Vosso Reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro**. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise**. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

SCHULTZ, Adílson. Sustentados pelo alto: a melhoria na qualidade de vida dos fiéis que participam de igrejas evangélicas. In: **XXI Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 522-534.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, n. 1, v. 37, p. 47-61, 1997.

_____. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.). **O Estudo das Religiões: Desafios contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 71-88.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?: um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira**. Viçosa: Ultimato, 2004.

¹ Esta comunicação foi desenvolvida a partir do Capítulo III de minha dissertação de mestrado (FERREIRA, 2014) defendida em 21 fevereiro de 2014 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação do Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior.

² Trata-se de um momento em que o pregador, ao término da sua pregação, convida pessoas que ainda não fazem parte da denominação ou “não aceitaram a Jesus” para virem à frente e fazerem sua “declaração”. É um momento considerado de suma importância no culto, haja vista ser ele o responsável pelo acréscimo de novos membros na denominação.